

Fernando Namora

O RIO TRISTE

ROMANCE

Direção de
José Manuel Mendes

Prefácio de
David Mourão-Ferreira

Posfácio de
Fernando Batista

CAMINHO

PREFÁCIO

Confesso, e não me custa confessá-lo: encontrei ligeiros obstáculos na primeira abordagem deste belo romance de Fernando Namora, quando aqui há meses iniciei a respetiva leitura. Os primeiros capítulos, sobretudo a sequência do primeiro e do segundo, não só um tanto me desnortearam como também certos pormenores lexicais, ao nível da imaginística, por me terem parecido inabitualmente rebuscados, me fizeram intimamente nostálgico da limpidez dos Retalhos da Vida de Um Médico, de A Noite e a Madrugada, de O Trigo e o Joio, dos três volumes dos seus Cadernos de Um Escritor (Um Sino na Montanha, Os Adoradores do Sol, A Nave de Pedra) e me tornaram de novo presentes alguns traços que menos admirei em Os Clandestinos, talvez, de todos os seus romances, aquele a que até agora aderi com maiores reservas.

Não se julgue, porém, pelos títulos das suas obras romanescas que acabei de citar, pertencer eu ao número dos que continuam privilegiando na obra de Namora os seus textos de atmosfera rústica: em romances como O Homem Disfarçado e Domingo à Tarde, bem como nos admiráveis contos de Cidade Solitária (um deles, A Fraude, afigura-me, entre outros, uma perfeita obra-prima do conto de todos os tempos), em todos esses volumes encontram-se, por um lado, muitas das suas melhores páginas de ficcionista e, por outro, acabados exemplos de impecável estrutura narrativa. Tão-pouco sou dos que apenas valorizam, na obra de Aquilino, por exemplo, a vertente rústica das suas ficções:

um romance como Lápides Partidas coloco-o, desde há muito, tanto a par de A Via Sinuosa — que ele continua — como quase à ilharga de Terras do Demo ou de A Casa Grande de Romarigães.

Esta alusão a Aquilino — romancista e prosador cuja obra cada vez mais admiro — não é de todo ocasional a propósito de Fernando Namora: ninguém melhor do que o autor de A Nave de Pedra retomou e tem prosseguido, nos últimos quarenta e cinco anos (vinte e cinco dos quais ainda em vida do próprio Aquilino) o exemplo do autor de O Homem da Nave (as «naves», num caso e noutro, são, obviamente, diferentes), quer no que respeita ao ininterrupto labor, de alta qualidade profissional, tanto na ficção como no ensaio (por vezes, ficção e ensaio intimamente mesclados), ambos no sentido de desvendar quem somos através da criação de inesquecíveis figuras paradigmáticas (o Barbaças e o Loas, de O Trigo e o Joio, inserem-se numa como que estirpe meridional do Malhadinhas), quer também no que se refere à larga e merecida audiência que ambos encontraram — o primeiro nos decénios de dez a sessenta, o segundo de quarenta em diante (e oxalá por muito mais tempo ainda!) — em diversificados e numerosíssimos espécimes do homo legens português.

Simplesmente, no caso de Namora, não é já só deste que se trata, porquanto são hoje dos países escandinavos aos da América do Sul, dos Estados Unidos ao Japão, na Europa Ocidental e na Europa de Leste, cada vez em maior número, cada vez mais variados, os espécimes do homo legens universal, capazes de decodificar, por meio de um conjunto de traduções que nenhum outro escritor português jamais atingiu, o essencial das suas mensagens narrativas e de através delas nos conhecerem, nas múltiplas versões do mineiro e do agricultor, do estudante e do contrabandista, do médico e do maltês, do escritor e do ganhão, da mulher da cidade, da mulher do campo, da emigrante, da intelectual em processo ou em equívoco de emancipação, da variegada fauna humana que arriba à cidade e da que pelo contrário não

arreda pé do seu terrunho — todos eles constituindo uma galeria que se impõe como afortunada amostragem, por meio do verbo, das nossas vivências, das nossas mundividências, do nosso comportamento, individual e coletivo, perante a vida, perante a morte, perante o amor, perante a doença, perante a natureza e perante a sociedade.

Mas Fernando Namora, nos mais significativos momentos da sua obra, sempre soube evitar os escolhos de certo pendor barroco a que Mestre Aquilino não raro sucumbiu, assim condenando a própria escrita ao quase exclusivo apreço dos happy few ou, pelo menos, mais à esclarecida devoção de nacionais que de estrangeiros; e Fernando Namora, por outro lado, a cada passo manifestando, muito mais do que o demiurgo da Estrada de Santiago, por tantos aspetos seu antecessor e seu parceiro, muito maior permeabilidade aos valores humanos e universais do seu e nosso tempo, também desde cedo se mostrou destinado, por estas mesmas razões, a ultrapassar as fronteiras em que o génio de Aquilino tem infelizmente parecido confinar-se.

Voltando ao último romance de Namora — O Rio Triste —, devo confessar que receei, devido à «resistência» que os primeiros capítulos me ofereceram, manifestar-se aí um tal ou qual retrocesso em relação às virtualidades de ampla projeção universal a que a maior parte dos seus livros anteriores nos habituara. E só agora, ao retomar a leitura e ao ler então o romance na íntegra, me apercebi de como era errada essa impressão inicial. Mais ainda: que Fernando Namora, continuando a ser um daqueles raros escritores portugueses cujo fôlego narrativo naturalmente se adapta às múltiplas respirações que o romance exige — aos seus contrapontados ritmos de inspiração de motivos externos e de expiração de temas interiores —, necessita igualmente de ser lido com o mesmo fôlego com que escreve; e que serão sempre de sobremenos, no seu caso, minudências que em outro qualquer, sem o seu arcaboço, poderiam prejudicar a ampla fruição respiratória da totalidade do texto.

Devo, aliás, acrescentar que mesmo as tais minudências a que eu tinha sido sensível nos primeiros capítulos e só à primeira abordagem, quase por completo se dissiparam se é que não mesmo de todo — nesse outro ritmo de englobante leitura que o próprio texto a partir de certa altura me impôs.

Esta abrangente e totalizadora impressão final é que ao fim e ao cabo, efetivamente, conta. Seguro dessa impressão, porque muito recente, creio poder aventar mesmo que talvez O Rio Triste seja o mais polifonicamente ambicioso e, à parte meras reservas de pormenor, o mais arrebatadamente conseguido de quantos romances Fernando Namora até hoje escreveu.

Quando aludo a «polifónico» estou, obviamente, a pensar na sucessão e articulação de «vozes» que ao longo do texto se manifesta: a de um narrador oculto e onisciente que nos apresenta grandes troços do relato na terceira pessoa; a de um narrador individualizado — André Bernardes — que na primeira pessoa se exprime; a da adolescente Cecília, através das páginas do seu diário; a da inquieta e vibrátil Marta através das suas cartas de emigrada em Paris; a do jovem Henrique, combatente desorientado nas iníquas guerras de África; a de extratos de algumas falas de um que emigrou «a salto» — José de Moura — de acordo com a versão recolhida numa monografia do Prof. Manuel Viegas Guerreiro; a de outro combatente, ainda, das guerras coloniais; a do jornalista Ferreirinha por meio de fragmentos das suas reportagens; a «voz» anónima, de mais outras notícias de jornais; enfim, a do próprio autor, Fernando Namora, que nos dois últimos capítulos do romance reelabora, reinterpreta, redistribui e reassume alguns pontos da intriga central e de outras que em redor dela se foram polarizando.

Todo este jogo do criador dando sucessivamente voz às suas criaturas e a mais uma ainda (a do narrador oculto e onisciente), que nem criatura chega ainda a ser, para, por fim, dessas mesmas criaturas a retirar, as retirar — todo este fogo, em suma, habitualmente mas sempre calorosamente conduzido, dando,

até por vezes, a sensação de ser o próprio jogo a conduzir quem o conduz, representa no seu conjunto uma das mais originais mises-en-question, jamais intentadas na língua portuguesa, de um romance, ele mesmo possibilidade de vários romances, que ante os nossos olhos se procura, se faz, se desfaz, se refaz, se destrói, se adia e se estrutura finalmente. E, como cúpula de tudo isto, o suspense das três últimas falas da última página.

Mas o que há de porventura mais vivo e mais pungente, ao longo de toda a narração, é o acento lacerado, com palavras em carne viva, do protagonista-de-quando-em-quando-narrador, o romancista André Bernardes, acerca do seu próprio ofício — se «ofício» se lhe pode chamar, sem se lhe apor, como desejaria Valéry, o adjetivo «delirante», de criador de um universo romanesco permanentemente à deriva, permanentemente entrevisto ou entressonhado, permanentemente oculto por detrás de opacas figurações do real e permanentemente necessitado do concurso desse mesmo real para erigir e preservar a consistente realidade de si mesmo.

«Para um escritor», reconhece em dada altura André Bernardes, «não escrever é esse sucessivo, erosivo, mortal adiamento. Mas escrever sobre quê, sobre quem? Estou desorientado. Não escrever é estar-se dentro da vida sem lá estar — ou estar-se nela mutilado, intruso, estéril» (pág. 91). Mais adiante, outra personagem — Faria Gomes — exprime a opinião de que «o romance tem de ser uma soma, um inventário, um suicídio torrencial, apocalíptico. Uma enxurrada de vida a despenhar-se num abismo. O romance é um ato derradeiro, um testamento» (pág. 162).

Ponto de vista em que afinal se concentra a problemática vital deste livro, a torrencialidade da sua escrita, o carácter composito da sua estrutura; e que, por outro lado, exemplarmente se vê posto em prática neste trecho admirável em que vemos (e ouvimos) o próprio André Bernardes a contas com a sua tarefa de romancista: «Corria à mesa de trabalho, afastava os

papéis intrusos — perante si apenas a tal dúzia de folhas impécáveis que queriam ser violadas. Vamos a isto, André. Insiste, André. Chora de raiva, se for preciso. Escreve uma vez, outra, mais outra, emenda, rasga, destrói, recomeça não te deixes vencer. Isto é um combate, André, o teu combate. Sobes ao ring para te medires com o mais duro dos adversários — tu próprio, desencantado e incrédulo. Aguenta os murros que te cegam os olhos, aguenta os urros da multidão, bebe o sangue que te espirrar do rosto, mas não desistas» (pág. 239).

Como consequência desta conceção da escrita, em que todo o ser se empenha, em que o destino se compromete, em que até a sobrevivência está em causa, não pode admirar-nos que André Bernardes, «empedernido romântico que faz tudo para o não parecer», como a si mesmo se define — venha, por vezes, a colocar também a delicada questão do modo como «profissionalmente» ou «amadoristicamente» se abordam, regra geral, os textos literários que resultam de semelhante empenhamento: «Quando qualquer imbecil ajuíza com malvada ou inocente leviandade do que sai das mãos de um escritor, não sabe em que carne viva está sacrilegamente a mexer. Uma obra é, por definição, sagrada. Mas todos a devassam com as mãos impuras, a começar pelos que vivem no templo. E como o amor, os amantes enxovalham-no — e escrever é o mais amoroso dos atos» (pág. 199).

Ato de amor, sim. Raramente, até hoje, a prosa de Fernando Namora encontrara a impetuosa vibração de tais acentos. E, graças a esse ato de amor, nunca talvez como em O Rio Triste se mostrou ele tão próximo de algumas das suas personagens, nem, por isso mesmo, tão desnudadamente próximo dos seus leitores, aos quais soube entregar nova e dorida prova do seu talento e da sua experiência de grande narrador, neste plurívoco romance em que todas as vozes são afinal a sua.

DAVID MOURÃO-FERREIRA (1992)

RIO TRISTE

(10.^a edição, 1.^a na Editorial Caminho)

No dia 14 de novembro de 1965, nesta cidade de Lisboa, um homem saiu cedo de casa e já não voltou. Nesse dia e nos que se seguiram. Também não o viram mais no emprego. Chamava-se, ou chama-se (pois há quem pense que o caso não foi suficientemente deslindado), Rodrigo dos Santos Abrantes. Um nome vulgar, se excetuarmos talvez o *Rodrigo*, e por isso mesmo detestado pelo próprio, que, como se verá mais adiante, projetara mudá-lo para Rodrigo Macieira — as razões também as saberemos a seu tempo.

Vale a pena esmiuçar, e sobretudo fantasiar (já que as pistas concretas de que dispomos não nos levariam longe), as circunstâncias em que se deu esse desaparecimento. Rodrigo, após o pequeno-almoço, tomado como sempre sob a ressaca do maldito despertador, isto é, num silêncio amuado e gestos irritadiços, espreitou os ares pela janela das traseiras, logo deduzindo que a friagem recomendava que se precavesse com a gabardina, procurou-a debalde no cabide do átrio, ali deveria estar (foi pelo menos o que ele pensou, acusadoramente, ao chamar a mulher para que a descobrisse no roupeiro ou lá onde a fizera sumir), resmungou com a demora, conquanto o enervasse muito mais o chape-chape das chinelas no corredor, deu um brusco jeito ao cabelo ao ver-se ao espelho que ficava por de cima do bengaleiro, gesto esse mais de impaciência do que de preocupação no penteado, e por fim saiu de casa. Escapara por uma unha

negra a que o engenheiro do segundo direito, como sempre furibundo de ter de esperar por alguém, batesse na porta do elevador, a exigir ligeireza, disponibilidade, espaço vital. O engenheiro reagia como se ali no prédio tudo lhe pertencesse, desde a porteira às caixas do correio e ao guarda-noturno. A sua tirania abrangia os decibéis de quem regulasse o aparelho de rádio ou a TV para ouvir uma orquestra mais puxada à barulhaça. Todo fanicos, o tipo. Mas tinha um *Alfa Romeo* de se lhe tirar o chapéu, que protegia metodicamente dos orvalhos com um resguardo de plástico. Enquanto os vizinhos se moíam, de manhã, para espevitar os motores, ele, triunfante e sarcástico, punha aquilo a estrondear ao primeiro contacto.

Aí estava o céu turvo, nem uma aberta. O arrepio nas árvores, que pareciam encolher-se ao perpassar da aragem. O Tejo, ao fundo, numa pardacenta imobilidade de expectativa. Daí a meses, porém, nem Tejo estático haveria: já tinham erguido os prumos de cimento para o edifício que se apossara do último reduto da colina. O Tejo iria desaparecer.

Não beijara a mulher, é verdade. Nem decerto a beijaria quando regressasse, lá pelas oito da noite, para jantar, a tempo de ouvir as notícias no telejornal. Nada de arrufo, não, embora Teresa, se acaso tivesse ficado a ruminar no facto, talvez o relacionasse com aquela tendência do marido para a responsabilidade de as coisas não estarem nos sítios devidos quando eram necessárias. Como se ele fosse uma pessoa arrumada. Pois não era, ficasse a sabê-lo. Nem sequer com os seus papéis. Não, Teresa, não se tratou de arrufo. O beijo de despedida, que pertencera ao ritual familiar, perdera continuidade nos últimos tempos (como muitas outras coisas), sem que, aliás, tivesse havido um motivo para que o hábito se alterasse. Um esquecimento hoje, uma emenda tardia amanhã — os hábitos criam-se e perdem-se as mais

das vezes sem se saber porquê. Ou então esvaziavam-se. E será beijo o enjoado resvalar da boca por uma face?

O engenheiro do segundo direito, todo ele fumos de escape, já dera a volta uns metros abaixo, pisando sem cerimónias o traço contínuo. Não estava para ir quase até ao fim da avenida e só aí inverter o sentido da marcha, havia regulamentos que apenas tinham por objetivo chatear as pessoas. Um *Alfa Romeo*, chiça, forros de couro. Teresa ficara ressentida, sabia-o. Com a filha ia acontecendo o mesmo, de quem seria a culpa? Nem quando, à noite, se aferrolhava no quarto, a pequena tinha uma mimalhice, uma palavra macia, já lhe parecendo excessivo o «até amanhã» dito no extremo do corredor. A porta do quarto a fechar-se sorratamente, daí a nada o gira-discos, um cheiro a tabaco que empestava a casa. Ao menos o beijo de despedida, Cecília, que custa um afago? Culpa dele, sem dúvida, que dera o exemplo. Aquele seu feitio todo recolhido para dentro, Teresa tinha razão. As expressões de afetuosidade sentia-as teatreiras, uma fiteirice que o punha ainda mais bisonho e acautelado. Ou talvez nem fosse bem assim, pois também lhe dava para os gestos espantosos, quase sempre dirigidos às pessoas que menos os justificavam. Até por isso mesmo, Teresa. Que tipo. Mas quem é que não era feito de contrassensos? A segura de Cecília é que mais lhe custava. *Alfa Romeo* de um raio, pigou-se que levava fogo.

Ia com essas coisas na ideia (o cérebro nunca tinha descanso, um fervedouro de todos os momentos) quando, de súbito, viu o autocarro, o *seu* autocarro, aquele que deveria deixá-lo no emprego às horas da praxe, avançar a menos de cem metros. Num relance, pareceu-lhe que vinham passageiros de pé junto do condutor, o que era mau prenúncio relativamente às possibilidades de conseguir lugar. A lotação ou já estaria esgotada ou iria esgotar-se num rufo assim que chegasse à próxima paragem, no outro lado da avenida,

mais abaixo, em frente do *snack* especializado em frangos de churrasco. A bicha formara-se há uns bons minutos, não tardaria a descrever um círculo em roda da banca de jornais. O costume. O do segundo direito bem poderia tê-lo levado no *Alfa Romeo*, pelo menos até ao Chile. É o levas. Nem naquela manhã, há umas três semanas, em que o céu se desfazia em chuva, não dando tempo a que se corresse ao abrigo de uma porta. Repassado até aos ossos — e o engenheiro vira-o. Ou antes: fingira que o não vira. Era assim às horas de ponta, pela manhã e pela tarde. Rodrigo não tinha que se surpreender. Devia era apressar-se e contar com o pior, mais nada. Atravessar ligeiro a avenida, por entre dois tufões de automóveis, rezando a todas as almas para que muitas das pessoas que estavam na bicha fossem candidatas a outro autocarro, o 19 ou o 26, que iam para bairros fabris. Quase perdeu o equilíbrio ao saltar para o passeio, junto da paragem uma velhota refilou de o ver esbaforido e desastrado. Nesse preciso momento, o autocarro abria a porta dianteira para esvaziar a miséria de dois passageiros. A mesma coisa que nada, já na porta da entrada um grupo de umas oito pessoas competia, competia à bruta, pelo direito a uma vaga. O condutor deixou subir metade delas, contou-as como um pastor a certificar-se do rebanho, fez um sinal lá para diante, o motorista deu um safanão à alavanca das mudanças, que se arrastou doridamente, como se nunca tivesse sido oleada.

Aquele autocarro, pronto, tinha-o perdido. E se, nos próximos cinco minutos, por milagre, não aparecesse outro para o mesmo destino, chegaria ao emprego com atraso. Atraso que significava o telefone interno a convocá-lo daí a instantes, nem dando tempo a que o estupor da sirena parasse com aquele uivo de fera que ameaça morrer se as pessoas, do mais alto ao mais baixo da hierarquia, não estivessem a postos à hora convencionada. Tapava os ouvidos para não a ouvir, às vezes achava-se a tremer por dentro enquanto

a sirena não se calasse. Infalível. Ele, Rodrigo, poderia ser pontual meses a fio que o diretor (diretor — o «patrão») só o chamaria quando a manhã já adiantada; mas tivesse uma merdinha de atraso e o telefone logo desatava numa gritaria pegada. Parecia que o mundo se acabava, que o escritório, a fábrica, a cidade inteira dependiam da presença de Rodrigo Abrantes à sua secretária. «Manuela, onde para esse senhor, que não atende o telefone?» — «Deve estar mesmo a chegar, senhor Pereira», desculpava-o a telefonista, sem alarme nem convicção, numa gravidade meio desinteressada. Coitada da Manuela, também ouvia das boas, nem era senhora de despejar a bexiga quando a natureza lho pedia. «Pois avise-me assim que ele chegue. Que venha aqui, quero-o aqui.» A telefonista, mal Rodrigo limpava as solas no amplo capacho do fundo das escadas (preceito higiênico a que ninguém escaparia, estava lá o contínuo para o fazer cumprir), repetia o recado palavra por palavra, observando-o matreiramente pelo rabinho do olho azul, enquanto fingia apurar-se na ágil manobra de restaurar o verniz das unhas.

Rodrigo nem se permitia dar uma olhada pelos *dossiers* da véspera. Automaticamente, corrigia a posição do nó da gravata e, de mirada rasteira, dirigia-se à diretoria, premindo o botão que lhe replicaria com uma luzinha verde ou vermelha ao lado da porta. Pela rapidez dessa réplica poder-se-ia calcular o humor do diretor, ou antes, do «patrão». «Por onde tem passeado, senhor Abrantes?» O nó da gravata mais uma vez descentrado. «Não se trata de passear, senhor diretor. O autocarro...» O «patrão» só o tratava por *senhor* quando os ares se encrespavam. Depois vinha a tormenta. O pescoço a inchar, a inchar, não haveria colarinho que o folgasse, como se fosse explodir do esterno para cima. Por fim, com as palavras pegadas à boca, o peito num fole, o diretor apontava-lhe o caminho da saída. Voltaria a chamá-lo cinco minutos mais tarde, nem tanto, fazendo de conta

que o via, nessa manhã, pela primeira vez. A voz afetada, os modos distantes. Mas aquilo também poderia terminar com um inesperado: «E a sua filha, que tal vai nos estudos?»

Qualquer coisa assim iria repetir-se daí a uma hora, se, entretanto, não aparecesse outro autocarro. Mas o patife tardava. É preciso explicar que o autocarro que passava ali, na avenida, não o punha diretamente na fábrica; Rodrigo tinha de tomar novo transporte na Praça do Chile e era nessas mudanças e desandanças que, por vezes, as demoras atingiam o ponto de rutura com o seu horário. Paciência. A bicha, uma sincronia de pescoços esticados a cada gesto de impaciência, depressa recuperara o tamanho de momentos atrás. Rodrigo sentiu um gume mais frio roçar-lhe as orelhas, aconchegou-se com a gabardina e, numa viagem do olhar, reparou que, à janela do seu quarto, Teresa, à sorrelfa, espanejava um tapete, depois de se ter certificado primeiro de que nenhum polícia andaria perto a vigiar. E então teve a certeza de que ela o distinguira na bicha. Quase se atreveu a supor que, mesmo àquela distância, lhe apercebera a contrariedade de o ver ainda ali. Não se despedira dela, que chatice. Não custava nada ter dessas miudezas de atenção. Cecília, desprendida e fria, tinha a quem sair. A mulher ficara-se à janela. A observá-lo? A verificar se ele perderia ou não o transporte seguinte? Na noite passada, ao voltar-se na cama para adormecer, também não lhe dera uma palavra. E ela lembrou-lho num censurador «boa noite», a que respondera num resmungo de quem acaba de ser apanhado em falta. Fora só esquecimento, Teresa, bem sabes que sou um distraído, nada acontecera que me enfadasse. Ainda à janela, mas com o tapete já limpo. Rodrigo fez-lhe um aceno. Repetiu-o uma e outra vez, perante o ar desconfiado de quem o ladeava, até que a mulher deu finalmente pelo gesto e o imitou numa espécie de jubilosa ou enervada ênfase. Depois firmaram o olhar na direção um do outro,

ou assim parecia, e esse olhar pôs-se gradualmente evasivo e abúlico. Quando o novo autocarro se aproximou, como que despejado pelos semáforos, a mulher ficou-se a ver a bicha minguar e só então, lentamente, se recolheu. Sentia-se tristonha, aborrecida. Pôs-se a lidar pelo quarto, sem muito reparo no que fazia, um tanto entediada. Foi ao corredor chamar uma vez mais pela filha, que, como habitualmente, se encafuara na casa de banho, esquecida das horas.

— Cecília, tens o café na mesa. Despacha-te.

Um silêncio melindrado — de quê, Cecília? —, depois a condescendência enjoada: «Vou já.» A máquina de lavar roupa a chinfrinar na cozinha. Ali havia coisa, o ruído não era normal, mas o técnico cobrava-se pela medida grande só para atravessar a rua. Havia dois meses que Rodrigo prometia falar com um dos operários da empresa onde trabalhava, sempre ficaria mais em conta.

O café a arrefecer, para que o deitara na chávena? E Cecília a fazer-se esquecida. Sentia-se antecipadamente fatigada do que iria seguir-se. Sem disposição para engrenar num dia que começara e terminaria como todos os outros.

Esse dia, porém, iria ser bem diferente. O marido não voltaria a casa. Teresa acabara de o ver pela última vez.

